

**SCHRÖDER, Peter (Org.).** *Cultura, identidade e território no Nordeste indígena: os Fulni-ô.* Recife: Ed. UFPE, 2012. 262 p.

## **Os Fulni-ô: múltiplos olhares e uma contribuição para o reconhecimento das sociodiversidades indígenas no Brasil**

Edson Silva\*

Em se tratando dos “índios”, no geral e mesmo ainda no meio acadêmico, após alguns anos de pesquisa e de convivência nesse ambiente com colegas de diferentes áreas do conhecimento, constatamos que um dos maiores desafios é a superação de visões exóticas para abordagens críticas, aprofundadas sobre a história, as sociodiversidades indígenas e as relações desses povos com e na nossa sociedade. Sobretudo quando dizem respeito a povos como os Fulni-ô, falantes do yaathe e do português, único povo bilíngue no Nordeste (excetuando o Maranhão), habitando em Águas Belas, no agreste pernambucano, a cerca de 300 km do Recife.

Na Introdução do livro aqui resenhado, o organizador da coletânea, Peter Schröder, de forma bastante emblemática e provocativa, afirma: “É fácil escrever alguma coisa sobre os Fulni-ô”. Para isso, bastaria recorrer a uma bibliografia existente. Mas, no parágrafo seguinte, Schröder enfatiza o quanto é difícil escrever sobre aquele povo indígena diante do desconhecimento resultante de barreiras impostas pelos Fulni-ô, que impedem o acesso à sua organização sociopolítica e às expressões socioculturais, notadamente a língua e o ritual religioso do Ouricuri. Os índios também contestam e questionam escritos a seu respeito, elaborados por pesquisadores, mais especificamente pelos antropólogos.

Após o texto em que o organizador da coletânea procurou situar de forma resumida a história territorial Fulni-ô, segue-se o texto de Miguel

---

\* Doutor em História Social (Unicamp). Professor no Centro de Educação/Colégio de Aplicação-UFPE/Campus Recife. Leciona no Programa de Pós-Graduação em História/UFPE, no PPGH/UFCG (Campina Grande/PB) e no Curso de Licenciatura Intercultural na UFPE/Campus Caruaru, destinado à formação de professores/as indígenas em Pernambuco. E-mail: edson.edsilva@hotmail.com

Foti, que resultou de trabalho de campo para a dissertação de mestrado defendida na Universidade de Brasília em 1991, no qual procurou descrever e refletir sobre o universo simbólico Fulni-ô, marcado pela resistência do segredo em relação a suas expressões socioculturais.

O texto seguinte, de Eliana Quirino, que teve uma promissora trajetória de pesquisadora interrompida com o seu falecimento em outubro de 2011, é uma discussão baseada principalmente na sua dissertação de mestrado em Antropologia, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tendo como base as memórias Fulni-ô, a exemplo do aparecimento da imagem de Nossa Senhora da Conceição, a participação indígena na Guerra do Paraguai, a marcante e sempre rememorada atuação do Padre Alfredo Dâmaso em defesa dos índios em Águas Belas, a autora analisou como essas narrativas são fundamentais para a afirmação da identidade indígena e para os direitos territoriais reivindicados.

Um exercício que busca discutir a identidade étnica a partir do próprio ponto de vista indígena foi realizado no texto seguinte, por Wilke Torres de Melo, indígena Fulni-ô formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e atualmente realizando pesquisa de mestrado sobre o sistema político Fulni-ô. Em seu texto, Wilke procurou evidenciar as imbricações entre identidade étnica e reciprocidade entre os Fulni-ô, discutindo as relações endógenas e exógenas de poder vistas a partir dos princípios da união, do respeito e da reciprocidade, baseados na expressão Fulni-ô *Safenkia Fortheke*, que, segundo o autor, caracteriza e unifica aquele povo indígena.

A participação de Wilke na coletânea é significativa por se tratar de uma reflexão “nativa”. Além disso, como informou o organizador na introdução do livro, numa iniciativa inédita, antes da publicação todos os artigos foram enviados ao pesquisador indígena para serem discutidos entre os Fulni-ô, como forma de apresentarem sugestões e as “visões indígenas” sobre o conteúdo dos textos.

Uma contribuição com uma abordagem diferenciada é o artigo de Carla Siqueira Campos, resultado de sua dissertação em Antropologia, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em que a autora discute a organização e a produção econômica Fulni-ô, fundadas no acesso aos recursos ambientais do Semiárido, nas diferentes formas de aquisição de recursos econômicos por meio de salários, de aposentadorias e dos tão conhecidos “projetos” e suas influências na qualidade de vida dos indígenas.

O artigo seguinte, de autoria de Áurea Fabiana de Albuquerque Gerum, uma economista, e de Werner Doppler, estudioso alemão de sistemas agrícolas rurais nos trópicos, à primeira vista, parece muito técnico devido às várias tabelas e aos gráficos. Os autores discutem, com base em dados empíricos, as relações entre a disponibilidade de terras, a renda das famílias e o uso dos recursos produtivos entre os Fulni-ô.

No último artigo da coletânea, Sérgio Neves Dantas aborda como as músicas Fulni-ô expressam aspectos das memórias identitárias e místicas daquele povo indígena. O autor procurou também evidenciar a dimensão poética e sagrada dessa musicalidade. Sua análise baseia-se, sobretudo, na produção musical contemporânea gravada por grupos de índios Fulni-ô, como forma de afirmação da identidade étnica.

Publicado como primeiro volume da Série Antropologia e Etnicidade, sob os auspícios do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade (NEPE), um dos núcleos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, o livro é composto por sete artigos. É completado com uma relação bibliográfica comentada sobre os Fulni-ô, trazendo ainda, em anexo, vários documentos relativos às terras daquele povo indígena.

A publicação dessa coletânea é muito oportuna pelo fato de reunir um conjunto de textos com diferentes olhares e abordagens, que procuram fugir do exotismo, como também do simplismo ao tratar sobre um povo tão singular, situado no contexto sócio-histórico que se convencionou chamar Nordeste brasileiro, onde a presença indígena foi durante muito tempo ignorada pelos estudos acadêmicos e deliberadamente negada, seja pelas autoridades constituídas, seja pelo senso comum.

Diante do exíguo conhecimento que se tem sobre os Fulni-ô e da dispersão dos poucos estudos publicados a respeito daquele povo indígena, provavelmente a primeira edição dessa importante coletânea será brevemente esgotada. Pensando em uma segunda edição, seguem sugestões. A primeira diz respeito ao próprio título do livro, pois, na forma atual, os Fulni-ô aparecem como última parte do título: “Cultura, identidade e território no Nordeste indígena: *os Fulni-ô*”. Para efeito prático de referência bibliográfica, propomos uma inversão no título: *Os Fulni-ô: cultura, identidade e território no Nordeste indígena*.

Sugerimos também a inclusão de mapas de localização, com destaque para o Nordeste, Pernambuco, o agreste e Águas Belas, onde habitam os Fulni-ô. A nosso ver, é tal mapa imprescindível, pois possibilitaria a visua-

lização do povo indígena no contexto das relações históricas e socioespaciais em que o grupo está inserido. Sabemos que imagens, de uma forma geral, encarecem a produção do livro. Todavia, a inclusão de fotografias, ao menos em preto e branco, também enriqueceria, e muito, as abordagens presentes nos textos.

Por fim, uma pergunta: para enriquecer mais ainda a coletânea, por que não acrescentar, na Introdução de uma possível reedição, os comentários dos Fulni-ô apresentados nas leituras prévias dos textos antes da publicação? E, ainda, notas sobre como ocorreu a recepção daquele povo ao receber o livro publicado.

Lamentamos a ausência, na coletânea, de artigos da área de História. Infelizmente, diante do pequeno interesse de historiadores sobre a temática, colegas de outras áreas, principalmente da Antropologia, cada vez mais procuram suprir essa lacuna, realizando pesquisas em fontes históricas para embasarem seus estudos e suas reflexões a respeito dos povos indígenas.

Ainda para uma segunda edição ou um possível e merecido segundo volume da coletânea, lembramos o estudo “A extinção do Aldeamento do Ipanema em Pernambuco: disputa fundiária e a construção da imagem dos ‘índios misturados’ no século XIX”, apresentado, em 2006, por Mariana Albuquerque Dantas como monografia de conclusão do curso de bacharelado em História, na UFPE. A mesma autora defendeu, na Universidade Federal Fluminense/RJ, em 2010, a dissertação de mestrado intitulada “História dinâmica social e estratégias indígenas: disputas e alianças no Aldeamento do Ipanema em Águas Belas, Pernambuco (1860-1920)” (DANTAS, 2010). São duas pesquisas baseadas amplamente em fontes históricas disponíveis no Arquivo Público Estadual de Pernambuco e nas discussões da produção bibliográfica atualizada sobre os povos indígenas no Nordeste.

No momento em que a sociedade civil no Brasil, por meio dos movimentos sociais, principalmente na educação, questiona os discursos sobre uma suposta identidade cultural nacional, a publicação dessa coletânea reveste-se de um grande significado. A afirmação das sociodiversidades no país, questionando a mestiçagem como ideia de uma cultura e da identidade nacional, significa o reconhecimento dos povos indígenas (SILVA, 2012), a exemplo dos Fulni-ô, em suas diferentes expressões socioculturais.

Afirmando as possibilidades de coexistência sociocultural, fundamentada nos princípios da interculturalidade, o índio Gersem Baniwa (os Baniwa habitam as margens do rio Içana, em aldeias no Alto Rio Negro e

nos centros urbanos de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos/AM), mestre e recém-doutor em Antropologia pela UnB, publicou o livro *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*, onde escreveu:

A interculturalidade é uma prática de vida que pressupõe a possibilidade de convivência e coexistência entre culturas e identidades. Sua base é o diálogo entre diferentes, que se faz presente por meio de diversas linguagens e expressões culturais, visando à superação da intolerância e da violência entre indivíduos e grupos sociais culturalmente distintos. (BANIWA, 2006, p. 51)

Essa coletânea é, pois, uma excelente referência tanto para pesquisadores especializados no estudo da temática indígena como para as demais pessoas interessadas no assunto, principalmente professores indígenas e não indígenas. Estes terão em mãos uma fonte de estudos sobre um tema com notória ausência de subsídios, objetivando atender as exigências da Lei n. 11.645/2008, que determinou a inclusão do ensino da história e das culturas dos povos indígenas nas escolas públicas e privadas no Brasil.

## Referências

BANIWA, G. dos S. L. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: MEC; Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2006.

DANTAS, M. A. *A extinção do Aldeamento do Ipanema em Pernambuco: disputa fundiária e a construção da imagem dos “índios misturados” no século XIX*. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

DANTAS, M. A. *História, dinâmica social e estratégias indígenas: disputas e alianças no Aldeamento do Ipanema em Águas Belas, Pernambuco (1860-1920)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

SILVA, E. Povos indígenas e o ensino: reconhecendo o direito à inclusão das sociodiversidades no currículo escolar com a Lei n. 11.645/2008. *Revista Polyphonia*, 2012. (No prelo).